achavam-se melhor adaptadas às forças da tecnologia científica do que algum dia antes haviam estado" (p. 87), negando a descontinuidade explosiva prevista por Marx. Aliás, em seu debate com o marxismo, é levada a reduzir a escatologia do socialismo científico a nada. "Revelou-se que o socialismo não constituía uma etapa além do capitalismo, mas sim um meio alternativo de efetuar a industrialização (p. 77)."

Ora, se o determinismo econômico não é exclusivo, e se o capitalismo atual apresenta várias possibilidades de sobrevivência e fortalecimento ao nível nacional, há-de se considerar não um, mas vários modelos capitalistas: "cada uma das nações capitalistas fez evolver um modelo diferente de relações entre o governo, as indústrias e serviços nacionalizados e a iniciativa privada e um modelo diferente de distribuição dos benefícios entre as classes e setores da economia, de acordo com a força e as pretensões dos interesses envolvidos" (p. 92).

Assim como fatores específicos (de ordem geográfica, histórico-social, cultural etc.) combinaram-se para produzir, sob a égide do nacionalismo, modelos nacionais de desenvolvimento, o mesmo teria ocorrido no sistema socialista. Atestando a presença indispensável do Estado desenvolvimentista, e o surgimento de sinais de sociedade de consumo no mundo soviético, Robinson, mesmo sem reconhecê-lo, endossa a tese da *convergência de sistemas*, apesar das inúmeras diferenças. No exame da diversidade das alternativas nacionais destaca-se a análise do caso sueco.

O modelo chinês, considerado "um outro caminho", recebe da autora muito mais simpatia do que o soviético. Ela vê, nas características culturais da China, o padrão que permitiu a "alternativa rápida de industrialização", num mundo de camponeses pobres. Na China, "durante três mil anos, o lento movimento da população, em que as classes nunca se basearam em 'raça', as tinha mergulhado a todas na civilização chinesa e esta baseava-se no conceito da conduta correta. ('Podemos ser muito pobres, mas sabemos distinguir o certo do errado'.) É muito mais fácil alterar o conteúdo da conduta correta de pessoas educadas em tal visão da vida do que introduzir o próprio conceito em povos embebidos de cinismo e competição apropriativa" (p. 105).

O *Terceiro Mundo* é visto com pouco ânimo. Não obstante reconheça que as exportações de manufaturados são a esperança atual das nações subdesenvolvidas de participar do novo mercantilismo, denuncia o desempenho das grandes empresas internacionais no aviltamento dos preços de primários, na política de reinversão e na pressão ilegítima sobre os governos. Mas o problema principal é a população; revivendo o presságio malthusiano da multiplicação das bocas, escreve: "Em quase todas as partes a renda nacional estatística está-se elevando de ano para ano. O benefício, contudo, é muito rapidamente anulado pelo crescimento da população (p. 111). E mesmo que a taxa de natalidade em todo o mundo possa ser acentuadamente diminuída num futuro próximo, a composição etária da população que já conseguiu nascer impedirá o número total de adultos de deixar de crescer e reproduzir-se por longo tempo" (p. 112).

O desafio e a proposta da Dra. Robinson aí está. O motivo de lucro, cujo funcionamento beneficente é proclamado a público pelas doutrinas econômicas, está em falência. Uma nova moralidade econômica impõe-se, e, em sua afirmação, está a principal contribuição da ciência social.

José Carlos Garcia Durand

Tradições Comerciais da Bahia: Primeiro Quartel do Século XX

Por Deolindo Amorim. Bahia, Publicação Salvador, 1968 (Centro de Estudos Bahianos, 48).

Até agora, com raras exceções, têm sido descuidados os estudos sobre atividades econômicas regionais. Esta falha não nos permite o aprofundamento de questões particulares a cada região, levando-nos sempre a generalizações. Entretanto, a necessidade destes trabalhos fez com que o próprio Capistrano de Abreu encarecesse a sua necessidade, levando-o muitas vezes a sugerir, aos seus discípulos e amigos, vários temas de estudo sobre economia regional.

O pequeno trabalho de Deolindo Amorim é a chegada ao estudo das atividades comerciais na Bahia, no início do século XX. Apesar de não aprofundar o tema, o material que fornece é de grande utilidade.

O comércio português, como nota o autor, é preferencialmente de portugueses, mas, com a abertura dos portos, começam a chegar a Salvador contingentes de franceses, ingleses, suíços, "sem falar no espanhol, que teve e ain-

a tem muita participação no comércio de circulação local. Judeus, árabes e outros grupos étnicos, por sua vez, também desenvolveram atividades características, entrando pelo interior. No alto comércio, entretanto, o chamado comércio *a grosso*, e que fazia exportação em larga escala para outras partes do país e abastecia o interior do Estado... o elemento lusitano sempre teve uma porcentagem acentuada". É assim que, entre as grandes firmas, encontramos as casas Catarino, Wildberger, Costa Ribeiro etc.

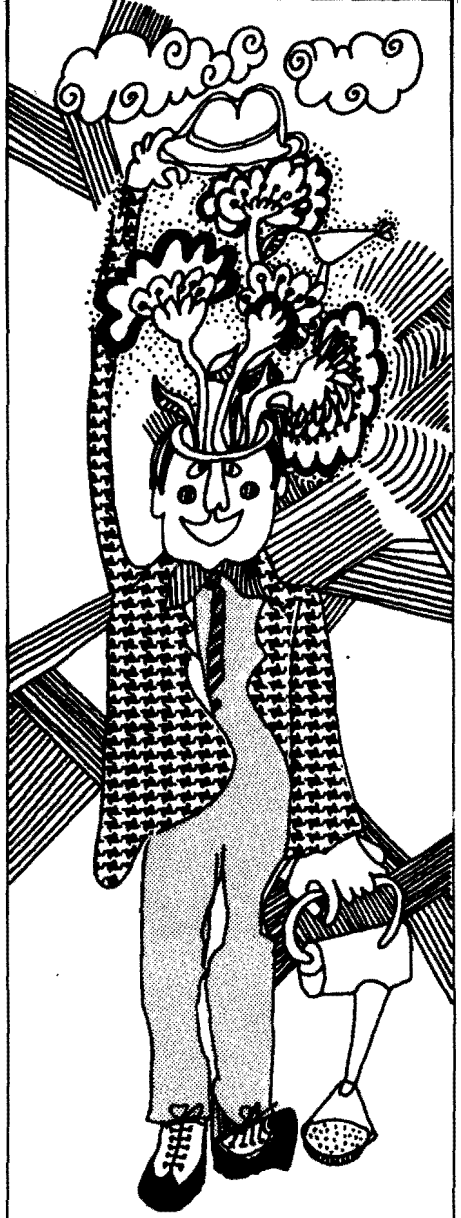
Os viajantes ou *cometas* é que fazem o contato entre as casas comerciais do Salvador e o interior baiano. A sua função não é só de vendedor, mas, também, de recebedor, pois, numa época em que existe pequeno número de bancos, os viajantes são recebedores de dinheiro. Além disto, a sua função freqüentemente amplia-se porque num momento em que é difícil o contato com a capital é comum os viajantes servirem de intermediários entre as reivindicações municipais e o Governo do Estado.

O mais comum é a existência de viajantes especializados, por exemplo, aqueles que só negociam com tecidos, ou ferragens, ou miudezas, ou drogas etc. Raramente existem casas que vendem uma série de produtos, de comércio heterogêneo.

O problema básico, porém, é o de circulação de mercadorias. A cidade de Cachoeira ainda permanece como ponto de contato — como na Colônia e Império — entre Salvador e o sertão: "tudo era difícil e moroso. Havia pontos de desembarque, onde os tropeiros vinham receber as cargas destinadas aos comerciantes. Grande parte desembarcava em Cachoeira, dali, em transporte animal, seguia para o sertão. O consignatário recebia as mercadorias em Cachoeira e fazia os despachos para as diversas praças. Em Sítio Novo, ramal de Machado Portela, em direção às Lavras Diamantinas, havia outro ponto de consignação. Depois da Estrada de Ferro, uma vez posta a mercadoria nos armazéns de consignação, o único meio de transporte era a *tropa de burros*, que levava dias e dias para chegar a destino. Cada fardo de fazenda ou caixão de encomendas levava apenas as iniciais de negociante e o nome da praça".

No entanto, existem algumas exceções ao modelo geral. Certos comerciantes mais poderosos deixam de comprar dos viajantes, indo periodicamente à capital, onde fazem o seu sortimento, o que lhes permitia especular melhor. Mas, o método mais freqüente, segundo o autor, é aquele já descrito largamente.

Edgard Carone



TENHA SEMPRE A PRIMAVERA EM SUA EMPRESA

Já se foi o tempo em que as decisões empresariais comportavam riscos e tensões. O empresário vivia em clima de aventura, arriscando em cada lance seu tempo, seu capital, sua tranquilidade. E precisava do chamado pulso firme para suportar os reveses. Tristes tempos.

Hoje, graças aos métodos modernos de administração, tudo vai mais tranquilo. Sem intempéries. Uma só primavera. A estação que dura o ano inteiro para os leitores da **Revista de Administração de Empresas.**

Leia a RAE. Mantenha a primavera em sua empresa.